

O PANORAMA.

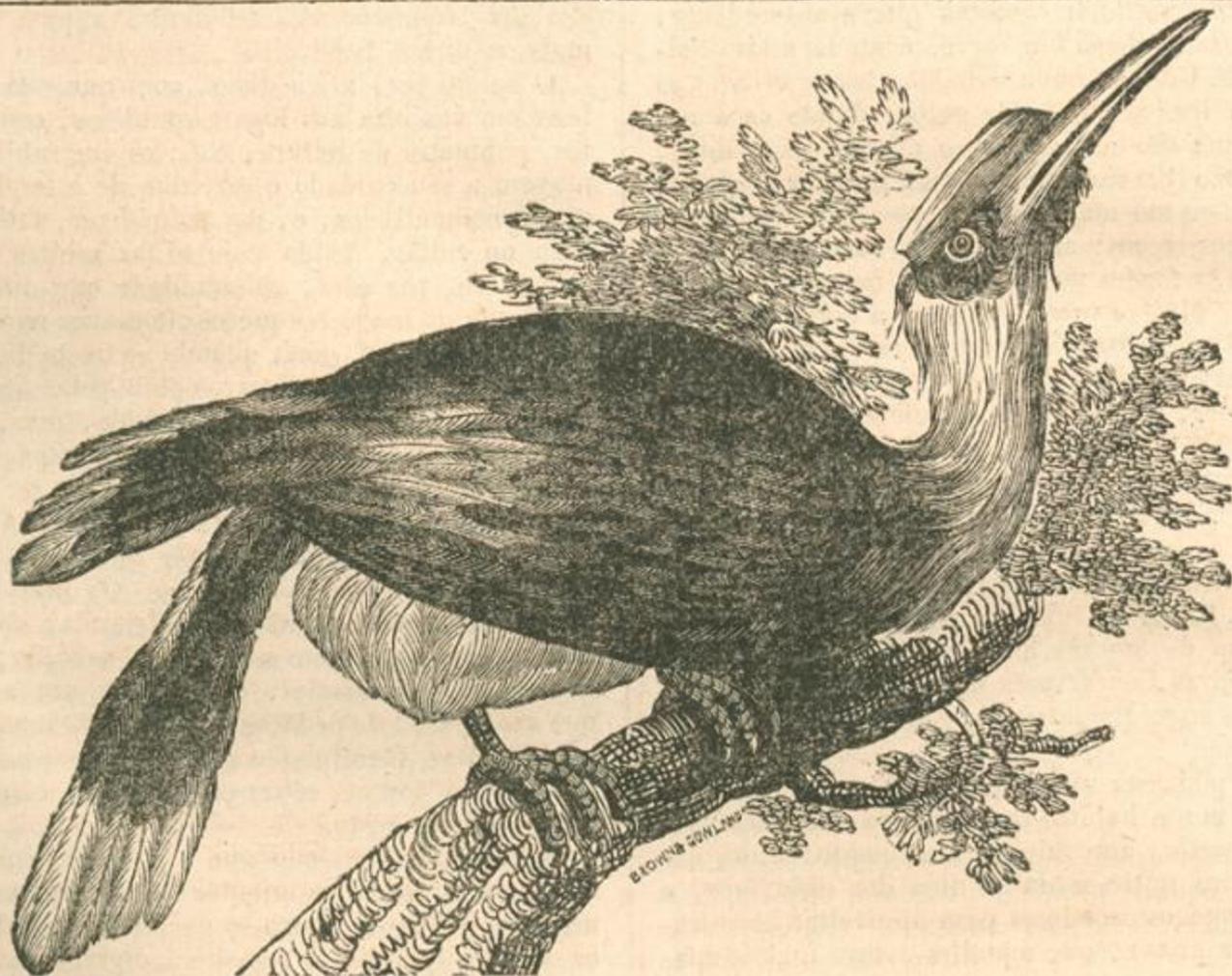
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

24.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

OUTUBRO 14, 1837.



O CALÁO.

(*Buceros. LIN.*)

ESTA estampa mostra uma ave do genero singular dos caláos, a qual o conhecido naturalista e viajante Le-Vaillant denomina caláo de capacete concavo. A singularidade deste genero, habitador da Africa, e das Indias, consiste na fórma dos bicos. Conta muitas especies, que todas neste ponto diversificam; e até na mesma especie, conforme as idades. Este ultimo incidente já tem motivado equívocos na enumeração das especies.

Todo o genero dos caláos se parece muito com os corvos ainda que alguns são muito maiores, e é o seu caracter distinctivo o bico enorme, de substancia mui tenue, e por isso muito quebradiço nas bordas, sobrepujado por uma grande protuberancia, ás vezes tamanha como o mesmo bico, e vária na fórma, segundo as especies, como já dissemos. Quando são pequenos aquella protuberancia é minima em todos, porque nascem com o bico simples, ainda aquelles que vem a te-lo mais armado. Augmenta o tal capacete á proporção da idade. Physiologistas modernissimos explicam isto pelos phenomenos da respiração, o que não vem para aqui.

O caláo de capacete concavo é maior que o corvo: a protuberancia é de mais de cinco pollegadas de comprimento, e de pollegada e meia d'alto, redonda pelos lados, e cavada em todo o comprimento. As mandíbulas são regularmente denteadas: a superior é avermelhada na ponta, e no resto côr de ocre, bem como o capacete. O comprimento do bico não corresponde ao do individuo.

Cáe-lhe para traz da cabeça uma especie de pôpa deitada, de pennas compridas, e delgadas, de côr ar-

ruivada fouveira: na base do bico, e d'ambos os lados da cabeça as pennas são pretas; a barriga, as pernas, e as pennas da cauda são de um branco arruivascado; o resto do corpo é preto baço: os pés e unhas inteiramente negros.

Porém de todas as especies a mais extraordinaria é, sem duvida, a que chamam caláo rhinocerote (denominação tambem por alguns dada a todo o genero), por causa da enormidade da protuberancia, que lhe carrega o bico. Citaremos as proprias palavras de Le-Vaillant.

«O bico de monstruosa construcção de nada serve para a defeza do animal, como eu proprio reconheci, mettendo-lhe por muitas vezes a mão no bico sem experimentar a mais leve dôr, posto que elle fizesse todas as diligencias para m'a apertar fortemente. Esta ave é de natural tímido, e arredio, e amiga de se esconder quando vê alguém: a sua postura é sempre pesada, e a apparencia estúpida. Não anda, mas salta aos pés junctos. O unico momento em que me pareceu mostrava maior segurança era quando lhe levavam a comida; pulava a encontrar o marujo, que tomava cuidado della, estendendo as azas, e abrindo o bico: e soltava alguns gritos de alegria, muito fracos para um passaro daquelle tamanho. Sustentavam-na de ordinario com biscoito demolhado, e carne crua, ou cozida: comia tambem arroz, legumes cozidos, e até toucinho: parece que estas aves, em geral voracissimas, se dão bem com toda a casta de alimentos. Trazendo-lhe um dia alguns passarinhos, que apanhei á caça, devorou-os um a um com pennas e tudo, depois de os amarrotar muito tempo com o bico. Os marujos do navio, em que viera da Java, me certificaram que dava caça a ratos e murganhos, logo que os podia ver, mas que não era tão ligeira, que os apanhas-

se: porém engolia inteiros os que lhe offereciam. Eu dei-lhe em varias occasiões bananas, e goyabas, mas nunca fez caso destes fructos, nem os comia, apesar de lhes dar muitas voltas com o bico. Finalmente observei que sem distincção, e avidamente agarrava quanto se lhe offerecia; mas rejeitando o que não era do seu gosto, nunca mais lhe tocava.»

O calão do Malabar é menor que o antecedente, rasteja pelo tamanho d'um corvo. Abunda muito delles a ilha de Ceilão, onde os habitantes os criam nas casas, para lhes servirem de gatos, dando caça aos ratos, no que são mais espertos do que os maiores. Quando estão bravios andam nos grandes bosques; empoleiram-se nas mais altas arvores, e com preferencia nos ramos seccos: aninham nas tocas dos troncos carunchosos, e fazem uma postura de quatro ovos d'um branco sujo. Muitas vezes estragam a ponta do bico, que é fragil, pelo costume, que teem, d'espicaçar os ramos das arvores para lhe levantar a casca, e descobrir os vermes, e larvas das borboletas.

Parece, diz Sonnini, que os calãos em geral não são frugivoros, pelo menos no estado de liberdade, e que são verdadeiras aves de rapina. Até se alimentam de carniças.

Todavia, em a sua viagem ás ilhas de Timor, Rawak, &c. — MM. Quoy e Gaimard acharam calãos pousados em cima de arvores altas, sobre tudo em cima das museadeiras, ou arvores que dão a noz-nuscada; cujos fructos engolem inteiros, e lhes dão excellente gosto á carne.

Esta ave pôde ser um exemplo do quanto influem as localidades nos habitos dos animaes. Na Asia, rodeada de fructos, aproveita este alimento: e nos desertos d'Africa nutre-se da carniça dos cadaveres, e segue de longe os caçadores para aproveitar as entranhas da caça grossa, que aquelles aviam mal a apanham.

Os calãos são tristes e taciturnos; tem vôo pesado, e dão-se a conhecer ao longe pelo estridor das azas, e o rangido das mandibulas. Um que veio a Paris no tempo de Buffon morreu dentro em tres mezes, antes que findasse o verão. Talvez o clima frio da Europa lhes não convenha.

O SULTÃO REDACTOR.

A MAIOR parte das pessoas que isto lerem saberão por ventura que o Grão-Senhor dissolveu a corporação dos janisaros, e disciplinou o seu exercito ao modo da Europa: saberão tambem que estuda com muito affincio a arte militar, que bebe vinho, e que usa do vestuario francez com grande garbo: mas o que provavelmente ignoram é que o Grão-Senhor é periodista.

Nada ha mais curioso do que a folha semanal intitulada *Tekvimi-Wekai*, ou *Quadro dos Acontecimentos*, impressa em arabe e francez, redigida por pessoas da intimidade do sultão, e dirigida por elle. Quando o *Monitor Ottomano*, que assim se chama a parte franceza do periodico, appareceu a primeira vez (a 5 de Novembro de 1831), os turcos não queriam erer que dêsse gosto o ler a tal folha de papel, onde não havia nem gravuras, nem dourados. Embriagados de café e de fumo de tabaco apenas olhavam para ella de relance; e os mais ousados motejavam de Mahmud e do seu periodico. Mas o Grão-Senhor se vingou nobremente desta indifferença; teve arte de fazer com que lhe lessem o *Tekvimi-Wekai* primeiramente com attenção, depois com furia, depois com phrenesi: eis como para isto se houve.

Todos os pachás foram convidados para subsereverem certo numero de exemplares em beneficio dos ha-

bitantes da sua provincia; afóra isto o texto ottomano, que nem sempre corresponde ao francez, continha criticas tão mordazes, ou elogios tão lisongeiros aos principaes figurões do paiz, que estes tractaram de regular o seu procedimento segundo o espirito daquella publicação, entregando-se ora a uma descompassada alegria, ora a uma profunda tristeza, conforme o *Quadro dos Acontecimentos* se mostrava para com elles mais ou menos benevolo.

O sultão fez, além disso, com que esta gazeta se lesse em voz alta nos logares publicos, como nos cafés, gabinetes de leitura, &c.: os que sabiam ler tomavam a seu cuidado o servirem de interpretes entre os seus compatricios, e, por assim dizer, fallarem pela boca do sultão. Ainda hoje se faz muitas vezes esta leitura em voz alta; solemnidade que differe essencialmente do modo porque os ottomanos narram as fabulas e anedotas, pois, quando se tracta disto, o narrador é muitas vezes interrompido pelas aclamações ou risadas da assembléa que o rodêa, mas, ao ler-se a gazeta a attenção é extrema. Só de espaço a espaço é o silencio interrompido pelos clamores de *Ins Allah* (se Deus quizer)! ou *Allah Kerim* (Deus é grande)!

Devemos tambem aqui dizer que o sultão admira Mr. O'Connel com enthusiasmo. Os mais revolucionarios discursos do agitador da Irlanda, são transcritos no seu jornal com escrupulosa exacção; e quando haja algumas omissões, pôde-se ter por averiguado que são apenas de pedaços que só teem interesse local ou particular. Geralmente a escolha das passagens extrahidas dos jornaes estrangeiros é feita com discernimento e bom gosto.

É de notar o cuidado que o governo tem de excitar a curiosidade dos orientaes e de interessa-los nos negocios publicos. Tracta-se na folha official de todos os objectos que dizem respeito á organização do exercito, aos movimentos da armada, á noticia das batalhas, á administração civil, e aos acontecimentos das provincias. De tempos a tempos acha-se ahi o orçamento, no qual se especificam todas as rendas e despesas do estado. Na historia do imperio ottomano é inaudito o dar o soberano aos contribuintes contas do uso que faz dos rendimentos publicos. A industria, as artes e officios, os inventos uteis, a litteratura, e tudo o mais que pôde aproveitar, e ser de beneficio material ou intellectual ao povo, pareceu ao grande periodista de Constantinopola digno da sua sollicitude. Em fim, o *Monitor Ottomano* é a expressão de um reformador prudente; é o verbo suave e energico de um propheta de boa fé, que lucha gloriosamente com as adversidades que lhe tem suscitado a fortuna.

A ILHA DE TRISTÃO DA CUNHA, E O SEU ROBINSON.

EM 1506, indo deste reino para a India Tristão da Cunha, com uma armada de quatorze vélas, descobriu, pelos 37° 5' de latitude de S. e 15° de longitude O., um grupo de tres ilhas, e deu o seu nome á principal, que do mar se reconhece a larga distancia por um elevado pico, que alguns viajantes não duvidaram de comparar ao de Tenerife, e que está sempre coberto de neves na cima, e é cercado de bosques até meia altura. A bahia fica ao noroeste da ilha, e esta tem quasi 50 milhas de circumferencia. Os holandezes a visitaram em 1648, e os francezes em 1767. O capitão Patten, do navio americano *Industry*, foi o primeiro que residiu por algum tempo nestas ilhas, e as descreveu com exactidão. Esteve sete mezes em Tristão da Cunha, de Agosto de 1790 até Abril de 1791, occupado na caça das phocas. No fim deste tempo tinha

ajuntado 5:600 pelles para ir vender á China, e ao cabo de tres mezes tinha carregado de azeite uma embarcação. O capitão Patten acampára ao pé de duas cascatas d'agua limpida, que correm para o lado da bahia, cujos arredores são cheios de mattos, e de florestas. «As arvores (diz na sua relação) não crescem muito; mas bracejam, e formam amplas, e verdejantes copas. A especie mais abundante é uma, que semelha ao teixo na folha, e ao bordo na madeira.» Não achou quadrupedes, excepto algumas cabras, que alli deixaram varios navegantes, e estavam bravias. A ilha só era habitada por diversas castas d'aves. O terreno mostrava boas porções cultivaveis, e nem o menor vestigio havia de animaes venenosos. Desde aquella epocha tem sido mais frequentada, e por consequencia tem augmentado em generos. O capitão Colquhoun, do brigade americano Betzy, propagou alli as batatas, cebolas, e outras hortaliças. Quando arribou a esta bahia o capitão Heywood, em 1811, achou tres americanos, que estavam estabelecidos ha annos com o projecto de apanhar phocas para vender as pelles aos navios, que abordassem alli. Um destes aventureiros lembrou-se de publicar um edital declarando-se proprietario soberano da ilha. Em consequencia desta singular investidura arroteou 50 geiras de terra, e as semeou de varios productos, entrando tambem café e assucar. A sementeira vingou; mas apesar deste feliz resultado, talvez por falta de exportação, os colonos abandonaram a ilha, que foi depois occupada em nome do governo britannico por um destacamento enviado do Cabo de Boa-Esperança. O almirantado de Londres conservou-lhe guarnição até 1820, epocha em que mandaram recolher o destacamento, que se compunha de oito homens, e um cabo d'esquadra: este, que tinha arranjado uma fazenda na ilha, pediu que o deixassem ficar como dono, e possuidor em nome da Grã-Bertanha; e foi-lhe concedido. Em diversas occasiões, este novo Robinson tem feito serviços, quer aos navios precisados de refresco, quer a infelizes naufragos arrojados á ilha por tormentas, que são naquella paragem mui frequentes, e perigosas. Porém nenhuma aventura deste genero é tão romantica, e interessante, como a de um mancebo, artista inglez, de que tracta o roteiro inedito do *Astrolabio*; e é a seguinte.

«Pelos fins de 1824, M. Earle embarcou de passagem n'um pequeno navio inglez para Bengala. Como desenhador de prestimo, e compatriota, contava com a protecção do governador-geral, que tem a côrte de um principe.»

«Quando chegaram á altura de Tristão da Cunha a embarcação ia muito maltractada dos mares que tinha aguentado; e tão falta de lenha, e agua, que foi mister para refazer destas provisões demandar a ilha. M. Earle quiz acompanhar a gente que foi a terra. Munido do seu *album* queria tirar alguns desenhos das paizagens daquelle paiz bravio, onde nunca pintor algum pozera o pé. Deixou por tanto os marinheiros, e trepando por entre rochedos denegridos, descobriu profundas cavernas, transportou-se de um ponto de vista a outro, cada vez mais activo, e mais curioso, até que por fim chegando a uma solidão melancolica o assaltou subitamente involuntario temor; e um vago pressentimento de desamparo lhe encubriu o coração. Alagado em suor frio, correndo quanto podia, vò a uma eminencia donde se avistava a praia e a enseada. Que desesperação! A praia, que ainda ha pouco retumbava com as vozes humanas, está deserta, e muda, e a enseada vazia. Nem lancha, nem navio: só descobria o mar, d'antes espelhado, e manso, e agora inquieto, e empolado, e ao longe, lá bem longe, a embarcação pequena combatida das vagas, e que pa-

recia com a sua bandeira ingleza, acenar, e dizer adeus ao infeliz que abandonava.»

«Por longo espaço permaneceu o mancebo como pregado, e immovel naquelle logar, com os olhos espantados, os cabellos arripiados, maldizendo a sua sorte, esconjurando o mar, e resignado a morrer. Mas pela tarde resolveu-se a procurar abrigo: e depois de vaguear um pouco, avistou (e com que assombro!) no declive de um outeiro uma cabana, construida á ingleza, com seu cercado de arbustos sylvestres. Raiou subito clarão d'esperança naquelle animo abatido. As bilhas de leite luziam expostas ao ar em um banco da banda de fóra da porta: um cão entrou a ladrar, e não tardou que apparecesse um homem que na lingua ingleza saudou o recém-chegado. Era um compatriota, era Glass, o cabo d'esquadra, proprietario e senhor da ilha de Tristão da Cunha, em nome de S. M. Britannica. Fallaram-se, explicaram mutuamente as suas qualidades, e abraçaram-se; por fim o donatario conduziu M. Earle a sua casa, onde logo appareceu uma mulher, e uma creança, complemento da colonia, e o artista attonito encontrou uma familia n'uma ilha, que reputava deserta.»

«Alli viveu por quatorze mezes bem tractado e alimentado. Os seus hospedes tinham-se habituado á vida solitaria, com que se davam bem. Alguns gados bem nutridos, que permutavam com os navios, quando era occasião, por chá e biscoito, um arranjo caseiro pobre, mas limpo, uma casinha bem tapada, e abrigada: eis-aqui todos os recursos da colonia. As noites eram compridas, e os serões tristes, mas o estrangeiro veio dar-lhes realce, e vida. Tinha elle o seu album, que não era pouco. Para compensar uma hospitalidade generosa, M. Earle ensinou a ler ao pequeno, e para lhe ensinar a escrever, sacrificou o verso das folhas do seu album.»

«Eu vi este precioso livro cheio de bellas vistas selvagens; porém magestosas, daquelle ilha singular. Dir-se-ia que a desesperação do pintor derramou em todas as scenas um particular colorido de terror. Esta collecção, de genero novo, captivava a attenção, e lhe davam não pequeno realce as garatujas informes do menino, escrevinhadas nas costas de tão excellentes desenhos.»

«M. Earle, na epocha em que me contou a sua aventura, ainda conservava penosa recordação do seu longo infortunio; fazia sempre da ilha uma pintura carregada, grave, e medonha, como de terra onde recopilara a natureza sua austera sublimidade. Narrava com entusiasmo as suas excursões perigosas por meio d'um labyrintho de rochedos; as suas caçadas ás phocas, em que o cabo d'esquadra executava prodigios de destreza; a guerra mais facil, que faziam ambos ás tordas mergulheiras, quando á tarde estas aves singulares se juntavam como em conselho n'uma rocha insulada, e se deixavam matar ás bordoadas, immoveis e graves como senadores romanos em suas cadeiras curules. É provavel que por sua configuração estas palmipedes deixem de tomar o vôo á vista do perigo, e que a sua estupidez apparente nasça das pessimias disposições que teem para voar. Habitam sempre as regiões polares, e nunca vem a esta latitude senão empurradas por tormentas, ou fatigadas de lutar contra o vento. Então os caçadores, mettendo-se por entre aspenedias, fazem boa feira dellas, desancando-as uma por uma até a ultima.»

«Finalmente, depois de quatorze mezes de degedo, arribou um navio a Tristão da Cunha; e M. Earle conseguiu ser tomado a bordo, depedindo-se affectuosamente da hospitaleira colonia.»

Ha cousa de dez annos, já o cabo d'esquadra, Glass, regia paternalmente sete familias: e segun-

do as ultimas noticias mais colonos se lhe tem aggregado, e possuem abundante provimento de gados de toda a especie, e de aves caseiras, que vendem aos

navios, assim como hortaliças, e legumes, ovos, e manteiga; tudo de tão boa qualidade como na Europa.



ब्रह्म



विष्णु



शिव

TRINDADE INDIA.

RELIGIÃO DOS INDIOS ORIENTAES.

ALLI estão das deidades as figuras
Esculpidas em páu, e em pedra fria
Varios de gestos, varios de figuras
A segundo o demonio lhe fingia

.....
Um na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hamnon em Lybia estava;
Outro n'um corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos,
A Briareu parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.
CAMÕES, Lus. Canto 7.º Est. XLVII e XLVIII.

O Indostão, qual o tem feito nos ultimos tempos o dominio inglez, é o paiz do globo que encerra maior variedade de cultos, pois no meio dos dois indigenas, que são o brahamismo e o buddismo, vivem alli em paz os sectarios do judaismo, do mahometismo, do magismo, do catholicismo, os manicheus, e os membros das igrejas grega, armenia, lutherana, e presbyteriana, assim como os das religiões de Confucio, e de Sinto.

O culto indiatico reconhece, como o nosso, um Ente supremo, eterno, e omnipotente, um espirito incomprehensivel creador de tudo o que existe, que é Para-Brama, associado com tres entes menos perfeitos do que elle, que, posto que distinctos, fórmam uma só pessoa, ou a trindade indiatica. Brama, Visnú, e Siva, que são as tres divindades que a compoem, ou os espiritos creador, conservador, e destruidor, correspon-

dem na linguagem methaphysica á *materia*, ao *espirito*, e ao *tempo*, e na da philosophia natural á *terra*, á *agua*, e ao *fogo*, de quem são os regedores. Outra semelhança que ha entre esta religião e a christã é a historia da rebellião de Messassur, que arrastou á revolta parte da milicia celeste, o que moveu Para-Brama a crear, a instancias da trindade divina, não só um mundo visivel, composto de 15 globos de purificação, no centro dos quaes existe o nosso, mas 89 fórmas de corpos para habitação daquelles espiritos rebeldes. O espirito que durante a sua longa peregrinação por todos estes globos, se não houver tornado réu de nova desobediencia ou rebeldia, irá lograr a bemaventurança, aliás será precipitado no ultimo, e condemnado a recommear a tarefa expiatoria.

Brama, a primeira pessoa da trindade asiatica, ou o espirito creador, tinha cinco cabeças antes de Verever, filho de Siva, lhe cortar uma: as quatro que lhe restam symbolisam as quatro partes do mundo, ou os quatro elementos dos philosophos antigos, e das suas quatro bôcas saíram os quatro *Vedas*, principaes livros sagrados daquellas gentes, colligidos, e coordenados 1400 annos antes do nascimento de Christo, por Vyasa, celebre philosopho e poeta. De certas contestações entre Brama e Visnú resultou um conflicto, em que interveio o Ente supremo, e por este facto, Siva condemnou Brama a não ter templos particulares. Desde então, é este idolo sómente adorado nos pagodes dos outros. Os que não adoptam semelhante tradição, acham a razão deste procedimento na ingratição dos homens, que, consumado o acto da criação, cessam de depender de Brama, o qual não tem influencia immediata na conservação, e destruição da materia; porém o verdadeiro motivo disto, o *Veda* o declara, dando-nos ao mesmo tempo uma sublime idéa da di-

vindade, quando diz: « Não ha figura que dignamente represente aquelle cuja gloria é tamanha que illumina tudo, ordena tudo, de quem tudo procede, que dá a existencia a tudo, e em que tudo se deve tornar.

A nossa gravura representa Brama com os seus emblemas mais usados, a saber: com quatro cabeças e outros tantos braços, e tendo nas mãos uma porção dos Vedas, uma colher, que serve para derramar a agua lustral nas ceremonias religiosas, e um rosario. Ás vezes tem em uma das mãos um vaso contendo a agua necessaria para as abluções, cousa de que nunca se prescinde em qualquer sacrificio ou oração.

Visnú, a segunda pessoa, ou o poder conservador, o mais reverenciado de todos os tres deuses, porque só a sua suave influencia o manifesta á humanidade, umas vezes corresponde ao sol, sua imagem, outras representa o tempo, a terra, a agua, a humidade em geral, e o ar. Tambem significa o espaço, e como tal, dizem que é azul, por ser esta a côr do ceu. Fingem-no com quatro braços, e ás vezes com mais: a sua physionomia é nobre e affavel, e ornam-lhe a cabeça tres tranças, que significam os tres maiores rios da India.

Montado n'uma aguia, ou antes n'um animal meio aguia e meio homem, representam-no algumas vezes como vagueando no seu proprio elemento, ou voando para o ceu.

Quando o consideram como o principio da humidade dão-lhe como distinctivo um triangulo com o vertice para baixo.

Os paraizos ou mansões celestes de Visnú são situados no ceu, sobre a terra, e tambem em um mar de leite, sotoposto á terra, sobre o qual o figuram deitado em cima d'uma serpente.

A estampa juncta á presente descripção mostra Visnú com os seus attributos ordinarios, que o distinguem dos demais idolos, e vem a ser um grande busio (*chank*) côr de vermelhão, e uma arma de arremesso (*chakra*), semelhante á rodela do jogo da conca, a qual tem no meio um buraco por onde se introduz o dedo index, á roda do qual se faz girar a *chakra*, antes de arremessa-la. As bordas deste instrumento são cortantes, e de sua periphéria partem chammas, quando é Visnú quem a faz andar á roda: o *chank* é todavia o emblema que melhor o dá a conhecer.

São tambem insignias de Visnú o *gadha*, e o *padha*; a primeira é uma massa ou clava, a segunda o loto, porém estas ornam muito menos vezes as imagens do idolo, do que as suas *avatakas* ou encarnações, as quaes parecem outras tantas allegorias relativas á historia do paiz. Na primeira metamorphoseou-se Visnú em peixe para salvar d'um diluvio universal, querem uns que um rei, outros os livros sanctos; na segunda em tartaruga, para suster uma montanha prestes a cair no mar; na terceira em javali, quando estripou o gigante Paladas. Depois incarnou alternadamente em homem-leão, e em bramane anão ou simples mortal, com os nomes de Rama, Balapatren, e Passurama; e por ultimo em pastor, celebrado com a denominação de Kishna. A decima encarnação de Visnú acontecerá passados noventa mil annos.

Siva ou Rudra, como lhe chama Diogo do Couto, e a terceira pessoa da trindade, a quem o mesmo auctor dá o nome de *Maha-Murte*, é dotado dos predicados de destruidor e conservador; parece ser symbolo das operações da natureza, que destroe uns seres para produzir outros. É invocado com uma immensidade de nomes, e é a divindade mais acceita ao povo, que a todas as outras a julga superior. Raras vezes o representam com muitas cabeças, porém dão-lhe quatro até trinta e duas mãos, armada cada uma dellas de uma

machada, espada, clava, &c. Cinge-lhe o pescoço um collar de caveiras humanas, e na qualidade de deus do fogo, é sua insignia um triangulo com o vertice para cima. Sua mulher Bahavani é o symbolo da natureza creada, e tem alguma parecença com a agua ou Thetis.

Como deus da justiça cavalga um touro branco, emblema da justiça divina. A côr de Siva é branca, sem duvida para recordar a immaculada pureza da justiça: alva é tambem a sua madeixa, e algumas vezes vermelha. Tem tres olhos, um delles vertical, e no meio da testa, distincção que lhe é particular e aos seus filhos e encarnações, e que significa que vê o passado, o presente, e o futuro. A sua mais ordinaria insignia é um tridente, que denota que reúne em si tres grandes poderes, e que lhe dá grande semelhança com o Neptuno da mythologia grega. O collar de caveiras indica a revolução dos seculos, e a successão das gerações da especie humana; uma cobra que tem pendurada ao pescoço, os annos; e a meia lua que se lhe vê na cabeça commemora as phases da lua, medida do tempo. As serpentes, como symbolos da immortalidade enfeitam muitos idolos, mas nenhum tem tantas como Siva, á roda do pescoço, dos braços, dos pulsos, e das pernas. A figura que damos o representa tendo em uma das mãos a arma chamada *gadha*, e na outra uma cabra montez.

Parvadi, mulher de Siva, logra grande celebridade nas legendas indias, e outr'ora lhe sacrificavam muitas victimas desde o homem até a tartaruga, porque os sacerdotes tinham tido artes para fazer acreditar a efficacia de taes sacrificios, fundando-se em passagens dos seus livros sagrados, nos quaes, segundo diz William Jones, que pôde obter um fiel traslado delles, se estabelece, por exemplo, que o sangue da tartaruga fará propicia certa divindade por um mez, e o do homem ou do leão por mil annos.

Budda, reformador da religião indiatica, substituiu leis mais suaves aos preceitos do culto geralmente dominantes no seu tempo, e conseguiu que até os que o reputam um embusteiro abrissem mão daquellas nefandas práticas. Apesar disso ainda ha hoje muitos fanaticos, que teem por obra mui meritoria deixar-se esmagar debaixo das rodas dos pesados carros dos seus idolos (vide o nosso N.º 12, pag. 91), e rasgar as carnes com ganchos de ferro, sem fallar nas viuvas, que fazem timbre em morrer queimadas, posto que alguns factos particulares tendam a desmentir a opinião geralmente recebida, de que ellas de sua livre e espontanea vontade se offerecem a este genero de morte.

Não deixaremos porém no silencio, que, até quando os abominosos sacrificios humanos estavam em voga, era vedado o faze-los sem o consentimento do soberano, sob pena de commetter o sacrificador um peccado e um crime, entretanto que na Europa, em nome de uma religião de paz, que desaprovava taes crueldades, alguns hypocritas malvados e ignorantes, lançavam em hediondas masmorras, martyrisavam com requintada barbaridade, e faziam morrer nas chammas as pessoas mais conspicuas do seu tempo, sem que os mais poderosos principes da christandade ousassem valer ás desgraçadas victimas do furor sacerdotal. E com tudo mais de uma vez este descarregára os seus golpes sobre homens que esses mesmos principes haviam julgado dignos da sua amizade e privança.

Parvadi, quando a consideram revestida do poder vingador, corresponde a Proserpina, a Diana de Tauride, e a Hecate. Com outro character é Durga ou a virtude activa, vencedora de Messassur, principe dos anjos rebeldes. Dão-lhe tambem os nomes de Padamala e Camala, com os quaes é perfeitamente a Ve-

nus da mythologia occidental, nascida como ella sobre uma flor da escuma do Oceano. A sua progenie divina é quasi incalculavel: ella houve Mammadin, o Cupido dos indios, de Karticeya, o seu Marte, ou deus do exercito celeste, a quem representam com tres cabeças, cercadas d'uma aureola, e a cavallo n'um pavão. Tambem deu á luz Ganesa, deus da sapiencia. Com Sarassuadi protege as sciencias, preside á extracção dos mineraes, e á musica. Dest'arte Parvadi só ou como mulher de Siva, é muito venerada em toda a India. Seu filho Ganesa é representado com cabeça de elephante; dão-lhe ás vezes o nome de Polear, e como deus da sabedoria, tem parte no favor popular.

Os outros filhos de Siva são Supramanier e Verever; este traz á maneira de collar umas cabeças, enfiadas umas nas outras; tem quatro braços, tres olhos, e dois dentes saídos, á imitação de meia lua.

Depois destas divindades principaes vem uma turba de deuses dotados de differentes attributos, como são: Tehandra, a lua; Yama, deus da morte; Cuvera, deus das riquezas; Laschmi, deusa da fortuna; Anhi, deus do fogo; Visvacarman, deus dos obreiros; Pavan, deus dos ventos e da musica, pai de Hanuman, representado na figura d'um macaco; Indra, deus dos meteoros, o maior abaixo da soberana trindade, porque os homens sempre foram mais sollicitos em render cultos áquillo que mais temem; Mariata, adorado sómente pela gente de humilde condição, e finalmente o Linga, symbolo do poder gerador.

Admittem os indios um fado ou predestinação, porque dizem que quando alguém nasce, Brama lhe estampa no cerebro o que lhe deve acontecer, e dizem que a mesma divindade os extremou em quatro castas, tiradas a primeira da cabeça ou da boca do dicto idolo, a segunda dos braços, a terceira do ventre, e a quarta dos pés, ás quaes o nosso já citado historiadador dá os nomes de Rayas ou militares, de Bragmanes sacerdotes ou letrados, de Chatins, mercadores grossos, e de Balalas ou lavradores, que todas quatro se subdividem em noventa e seis. É bem sabido que aos membros de qualquer destas castas é prohibido sob pena de perder os privilegios que lhe são inherentes, o casarem-se com pessoa d'outra casta, ou o exercerem officio differente daquelle que seus pais exerciam. Os parias não formam, como muitos suppoem, uma raça distincta, porém são o refugio de todas ellas, ou um aggregado de individuos, que em consequencia das suas proprias culpas, ou pelas de seus pais, porque o estado de paria é uma especie de peccado original, são olhados com desprezo e até com horror pelos membros das outras classes da sociedade.

É o principal dogma do brahamismo a perpetua transmigração das almas d'uns para outros corpos. Quanto mais culpada for a alma tanto mais vil será o animal, cujo corpo ha-de tomar, de sorte que do corpo humano, póde, conforme o numero e qualidade dos seus peccados, passar a habitar no de uma vacca ou de outro homem, que são tidos pelos mais nobres, ou no de um cão, reputado como o mais vil de todos, e até em pedras. Isto explica o motivo porque os indios consideram acção impia a de dar a morte aos animaes, e tambem dá a razão da particular devoção que tem a varias especies d'elles, como são a vacca, o boi, o abutre, o cysne, a adam, o macaco, o peixe, o elephante, e a cobra de capello, sem com tudo deixarem de ser exaggeradamente caritativos, para com os demais animaes, para os quaes fazem construir hospitaes, onde, excepto os das especies carnivoras, são tractados com todo o carinho. Diz um viajante moderno que havia em Surrate um destes asylos, em que de quando em quando sacrificavam aos appetites

dos vermes, um mendigo comprado a peso de ouro. O nosso Diogo do Couto, descreve nos seguintes termos um hospital de passaros.

« Nós vimos um na cidade de Cambayete muito para notar, porque tem enfermarias separadas para acastas que alli recolhem. São as paredes levantadas sobre arcos abertos por todas as partes, tapados com redes subtís de arame, tem grandes corredores, e de uma e de outra banda vão as celas em que estão recolhidos, e tem enfermeiros que correm com aquillo, tem rendas e muitas esmolos para a fabrica, e despeza. Nós conhecemos na cidade de Chaul um baneane, creado entre os portuguezes muito rico. Este quando falleceu lhe fez seu testamento um tabellião portuguez chamado Gaspar Rosado, em que deixava a todas as confrarias das igrejas de Chaul 50 pardaus a cada uma, e para o hospital de Cambaya dos passaros 4.000 pardaus. Tem este hospital certos homens a que se dão tenças e comedias, que são obrigados a andar pelos campos, e pelas ruas das cidades, buscando passaros doentes, aleijados, cegos, e de qualquer outra enfermidade, para os levarem ao hospital: e outros tem cuidado de visitarem as praças onde os mouros caçadores vão vender os passaros, que compram todos, e os tornam a lançar a avoar. Fazem tambem curraes para as alimarias velhas e doentes, em que as recolhem, e curam: e para as buscarém tem outros deputados. Estes, em achando a bufara velha, o cavallo ou mula com chagas, ou tolhido, logo é levado ao seu curral, e curado com grande caridade; mas se acharem um homem paralytico, e tolhido caído por esse chão, não lhe darão a mão para se levantar, ainda que o vejam trilhar dos homens, e das bestas, porque dizem que aquelle por seus peccados chegou áquelle estado. Resgatam os passaros como dissemos, e não o farão a um captivo, ainda que seja seu pai.»

Como estão persuadidos de que as almas passam sempre para os corpos mais proximos, abstem-se os indios de matar as pulgas, piolhos, e outras sevandijas que os atormentam; e quando algum está nas agonias da morte lhe chegam á cama uma vacca, cujo rabo mettem na mão do agonisante, para que a sua alma entre logo no corpo da vacca.

Nada ha mais curioso do que ver os baneanes, que se avantajam a todos os outros indios no amor dos animaes, tomarem as mais extraordinarias precauções para não esmagarem ou engulirem algum animalculo, e trazerem sempre nas mãos assucar, farinha, ou mel, para offerecerem a qualquer alimaria que encontrarem nas estradas.

Não creem os bramanes na eternidade das penas, porque, dizem elles, essa idéa repugna á da justiça e immensa clemencia de Deus, que é um Ente com cuja essencia é incompativel o odio, e assim tem lá para si que por enormes que sejam as culpas, maior é ainda a misericordia divina, e cumprida a expiação proporcionada ao delicto, a alma será salva.

O brahamismo tem tido seus scismas: os mais consideraveis são o buddismo, e depois d'elle as seitas da mão direita e da mão esquerda, que reciprocamente se reputam impuras desde tempo immemorial; a religião dos Seikes ou nanekismo do nome do seu fundador Naneck, e a seita dos baneanes de que já expuzemos a ridicula superstição.

PASQUIM.

« VIVIA em Roma um alfaiate de muita fama, chamado *maestro Pasquino*; tinha muita freguezia, empregava bastantes officiaes, e com elles fallava livremente ácerca do que se passava na cidade. Motejavam

descaradamente das acções, e maneiras dos papas, dos cardeaes, e dos prelados, e senhores. Porém como estes epigrammas saíam de bocas plebeias, e eram concebidos em termos rasteiros e vulgares, a côrte fazia delles pouco cabedal, e a ninguem vinha á idéa vingar-se de sarcasmos de tão infima origem. Todavia quando um senhor, um doutor, ou qualquer pessoa de consideração referia uma anecdota injuriosa para algum poderoso, eram logo Pasquino, e seus officiaes, apontados como auctores da noticia escandalosa, e por esta fórma serviam de capa ao rancor, e vingança dos offendidos. Veio a ser moda, e para assim dizermos, proverbial, attribuir a *maestro Pasquino* todas as satyras, e chascos que se lembrava qualquer de publicar contra as disposições impoliticas, ou pouco populares da côrte, bem como contra os vicios dos prelados, e dos ministrós. Finalmente com a morte de Pasquino caíu o véu que escondia á policia pontifical a critica prudente dos romanos: porém foi momentaneamente. Defronte da loja do alfaiate mordaz estava uma pedra, que em tempo de chuvas, servia de ponte aos freguezes do mestre, para atravessar o ribeiro, que lhe corria defronte da porta. Os trabalhadores, que andavam nivelando esta rua, chamada do Parione, tiraram a pedra, e viu-se que era o costado d'uma estatua antiga de marmore, mutilada em parte: ergueram-na, e encostaram-na ao palacio Pamphili, fronteiro á loja, e o povo afluz entrou a dar-lhe o nome de Pasquino. Os cortesãos e poetas não quizeram perder a occasião de continuar a encubrir as suas satyras com aquelle nome já tão conhecido: e começaram de affixar na estatua os sarcasmos, que lhes veio á lembrança divulgar: dahi por diante enchia-se Pasquino quotidianamente de conceitos, allusões, e motejos, que tomaram o nome de pasquinadas, ou pasquins.»

O que acabámos de referir é extrahido de Barotti, antigo escriptor italiano. Com effeito, pelo meiado do seculo 16.º se descobriu a estatua de Pasquino, e ácerca da personagem que ella representava, não pouco quebraram a cabeça os antiquarios. Os artistas reconheceram logo o preço da estatua, e é tão estimada que o celebre Bernini não só não duvidava iguala-la, mas nem até antepô-la, ás melhores de Roma.

Pasquim nem sempre exprimia mordacidade, e critica, tambem se vestia de gala em dias de publico regosijo. Porém os seus vituperios eram tão pungentes que todos o temiam. O papa Adriano VI lembrou-se de anniquilar este anonymo terrivel; e chegou a dar ordem para que o deitassem ao Tibre. Um cortesão o arredou deste proposito, expondo-lhe que se afogassem Pasquino, depois se ouviria mais que as rãs do fundo dos charcos; e se podessem queima-lo, os poetas maledicos se ajuntariam annualmente no lugar do supplicio do seu patrono, para lhe celebrarem exequias á custa da memoria de quem lhe instaurasse o processo. A sentença revogou-se; e Pasquim permaneceu incolume.

Todavia, com o andar dos tempos, deu em mais taciturno. Só fallava durante os interregnos; e actualmente não palra senão por occasião dos conclaves.

Desta breve noticia colherão os nossos leitores a origem etymologica do que chamámos *pasquins*.

SAGACIDADE DO BOI.

É no sul da Africa onde o boi tem toda a valia. A sua intelligencia dá ahí provas de exceder a do cavallo, por mais notaveis cousas que deste se contem, e até de ser mui pouco inferior á do cão, animal a que por excellencia podemos chamar sagaz. Fazem os bois entre os hottentotes as vezes de criados, e são os com-

panheiros destes rudes homens nos seus divertimentos e trabalhos. Não sómente protectores dos cafres, tambem lhes são servos dóceis, ajudando-os a guardar o gado, e defendendo este de qualquer ladrão estranho. Em quanto os rebanhos de ovelhas erram pastando, o fiel *backely*, nome que dão a esta casta de bois, anda-lhe ao redor ruminando. Sempre attento, com tudo, ao signal de seu dono, corre ao menor aceno pelos contornos do prado, e encarreira os rebanhos que se affastam do grosso do gado: se ha quem queira roubar alguma rez, ei-lo de volta com o ladrão: e o mesmo acontece vendo qualquer estranho: mas não pára aqui o serviço destes animaes, porque tambem são soldados. Qualquer exercito de hottentotes traz comsigo manadas de *backlys*, que lançam contra o inimigo. Quando desembestam levam tudo adiante de si: marcam em quem quer que se lhes oppõe; e pizam aos pés quanto encontram, fazendo assim com que seus donos ganhem muitas vezes facil victoria sem desfecharem um só golpe.



O ORNITHORINCO.

(*Ornithorhynchus Paradoxus.*)

EM o nosso N.º 16 já démos uma noticia dos habitantes da Australasia, especialmente da Nova-Hollanda; dessa terra, que parece um mundo arrojado, como uma criação em separado, no meio do vasto Oceano Pacifico.

As producções vegetaes deste paiz, e os animaes, que tanto differem dos que se conheciam nas outras partes do globo habitado, teem convidado os naturalistas a estuda-los, e a dilatar com acquisições novas os reinos da natureza.

Entre os animaes é digno de menção, apesar da sua pequenez, o ornithorinco, pela singularidade da sua organização. O nome, que Blumenbach lhe deu, é grego, e vale tanto como *bico de passaro*, e dão-lhe o epitheto de *paradoxal* por causa da extraordinaria configuração. Os colonos inglezes chamam-lhe *toupeira d'agua*, denominação popular, que não é fóra de razão, vistos os habitos do animal.

É um amphibio, mais aquatico do que terrestre, que frequenta as aguas fundas e crystallinas das calhetas embocetadas dos rios da Nova-Hollanda.

Olhando-se para a organização deste animal parece extravagante á primeira vista, porém estudando-o cuidadosamente, observa-se como a Providencia a adaptou ás precisões e habitos da residencia aquatica, que lhe destinou. No estado de adulto anda pela grossura de um coelho, e tem dezoito a vinte pollegadas de comprimento. É coberto com um vello curto, e ma-

cio, composto, como o da lontra, de duas castas de pello. Tem o rabo achatado, á semelhança do castor, porém em vez de ser a pelle escamosa, é pelo contrario coberta de pello, mais rijo que o do corpo, pela parte de cima, e pela banda inferior é nú, e pellado. Os membros do corpo são notaveis pelo encolhimento, e pelo vigor da acção; a parte interna sobretudo é mui carnosa, e, como a toupeira, tem extrema força nas mãos, que são muito azadas para cavar em chão humido, porque as unhas são fortes, e curvas: tem mais uma membrana como a das aves palmipedes, entre os dedos e unhas, e assim as mãos lhe servem d'enxadas, e pás para desentulhar; e quando anda n'agua fazem as vezes de remos: os pés também são espalmados. Os machos tem no calcanhar um esporão, que faz, segundo dizem, perigosas feridas, porque transmite ao golpe a secreção venenosa, ou muito acre de uma glandula, que tem na base; pelo que deve-se pôr todo o cuidado em evitar estas feridas, intentando-se agarrar algum dos machos já crescidos. Este facto precisa bem averiguado.

Porém a parte mais singular do ornithorinco é sem contradicção a cabeça: em vez de acabar em focinho, como os outros mammiferos, continúa como uma especie de bico de colher, semelhante ao do pato, largo, e comprimido, e de mais a mais acompanhado de uma especie de beijo membranoso, parecido com sola demolhada: esta substancia fórra as duas queixadas. O exterior deste singular bico, ou focinho, é preto por cima, alvacento por baixo. O queixo, ou mandibula inferior, que é mais estreito, e curto, que o superior, entalha neste, como uma tampa n'uma caixa de tabaco. Na parte anterior deste bico ha dois orificios, que são as ventas: e na base é cercado com uma certa golla membranosa, e preta. Tem olhos pequenos, mas saídos, e luzidios: e póde abrir, ou fechar á sua vontade o orificio das orelhas, conforme está n'agua, ou fóra d'agua.

A carne deste amphibio, apesar de cheirar extremamente a marezia, é iguaria agradável para os naturaes.

O ornithorinco habita esconderijos em aguas placidas: a sua captura é difficilissima, porque é bastante cauteloso, e o auxiliam os sentidos vigilantes, e agudos. A pelle é tão dura que resiste á bala, salvo na cabeça. É também difficil empreza descobrir, e matar este animal desconfiado, quando vem respirar á superficie: á menor bulha desaparece, e ainda mesmo quando o não inquietam, poucos minutos pára ao lume d'agua.

A M. Bennett, naturalista inglez, devemos o pouco que se sabe ácerca destes animaes em tudo raros. A grão custo conseguiu elle haver alguns vivos, esperançado em os mandar assim para Inglaterra. Mas até agora todos tem morrido na viagem: e os naturalistas da Europa ainda os não poderam ver senão empalhados, ou conservados em alcool.

Os ornithorincos excavam, para sua habitação, por baixo das ribanceiras dos rios, um longo corredor subterraneo de trinta palmos de comprimento, com uma saída ao nivel d'agua, e o fundo bastante alto, em chão fóra do alcance provavel das inundações. Neste asylo a femea arranja a sua cama de plantas aquateis, e de canniços, para parir. Ácerca da criação dos filhos, e também sobre o modo de os dar á luz, vogam opiniões diversas, porque os factos ainda se não poderam averiguar. O tempo, e a curiosidade incansavel dos naturalistas, acclararão de futuro estas, e outras mais circumstancias destes animaes singulares, ainda não ha longo periodo descobertos, e hoje mesmo imperfeitamente conhecidos pelo que respeita aos seus hábitos caseiros.

Vantagem da antiguidade. — Como as forças animaes se exhaurem exactamente em proporção do espaço de tempo durante o qual se empregam, bem como em razão da intensidade da força que se faz, muitas vezes se poupará esta trabalhando depressa, ainda que se faça mais algum esforço. Supponhamos dois homens, ambos do mesmo pezo, subindo juntamente por uma escada, e que um delles gasta só um minuto, gastando o outro quatro: a subida custará ao primeiro pouco mais da quarta parte da fadiga que custa ao segundo; porque o cansaço é proporcional ao tempo em que os musculos estão em actividade. O apressado talvez gastasse mais a vigesima parte da força no primeiro instante para dar maior velocidade ao corpo, e continuando depois a dar-lh'a; mas o vagaroso teve que sustentar o proprio pezo durante quadruplicado tempo. — *Arnott, Elementos de Physica.*

Egoismo — O egoista é aquelle que poria fogo a uma casa alhêa para assar um ovo para comer. — *Bacon.*

Maravilhas. — Os homens, em quanto uma cousa se não faz, maravilham-se de que se possa fazer: feita ella, maravilham-se de que ha muito se não tivesse feito. — *Bacon.*

Methodo de conservar as uvas. — Na Italia usam da seguinte receita para guardar uvas, que duram em bom estado até Março ou Abril.

Quando querem colhe-las com o intento de as conservar esperam que o tempo esteja secco: depois de colhidas limpam-nas muito bem de todos os bagos podres, ou que dão mostras de proxima podridão. Limpas os cachos, mettem-os n'um caixote ás camadas, separadas umas das outras com folhas de pessegueiro, forrando previamente o fundo e os lados com as mesmas folhas, e cobrindo tudo com ellas. Poem depois estes caixotes em quartos enxutos e bem arejados: devendo observar-se que por via de regra cada caixa não contém mais do que quatro camadas de uvas.

A analyse chymica deu a conhecer que as folhas do pessegueiro contém acido prussico. É provavelmente a este acido que se deve a conservação das uvas por este methodo tão simples e pouco dispendioso.

Ha outro methodo que é meoos facil; mas que podemos aqui para que o experimentem as pessoas que podem ou quizerem. N'um tonel dos que tem porta, e que recentemente tenha tido aguardente, se porão páus atravessados de lado a lado. Façam-se penduras de cachos bem enxutos e limpos, e pendurem-se nestes páus. Feche-se depois a porta do tonel, e tape-se de modo que não lhe entre ar, renovando-se esta mesma cautela todas as vezes que se tirarem uvas. Assim se conservam uvas em França de um para outro anno.

 As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 26 deste Jornal, são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrirem interrupção na entrega.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.